

SABERES DAS JONGUEIRAS

Verônica B. Santos¹, Mariana S. Albuquerque², Ailton P. Morila³

Ciências Humanas

Resumo: Este projeto investiga a relação entre memória e práticas culturais, com foco nas memórias de mulheres no Jongo da Vila de Itaúnas, visando à preservação e valorização dessa manifestação cultural afro-brasileira. O Jongo, na Vila de Itaúnas é praticado desde a antiga Vila. Suas práticas eram realizadas nas portas das casas das pessoas em qualquer época do ano, porém eram mais executadas em datas como de santo Antônio, São João e São Pedro, com fogueiras e sem horário para acabar. Hoje essas práticas já sofreram muitas alterações, mas é uma tradição que combina dança, música e poesia, transmitida pela oralidade. O “Jongo de São Benedito”, grupo da Vila de Itaúnas, vivencia a realidade com fé e resistência, preservando conhecimentos, fortalecendo identidades e reafirmando a herança cultural afro-brasileira.

Palavras-chave: Memória, Tradição, Práticas Culturais

Introdução

A Vila de Itaúnas, cujo nome em tupi significa “Pedras Pretas”, guarda uma rica herança cultural formada por influências africanas, indígenas e europeias, preservada por seus grupos folclóricos. A articulação entre antropologia, cultura local e educação não formal favorece a valorização e o aprofundamento dessa diversidade.

Segundo Halbwachs o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2013, p. 30). A memória, tanto coletiva quanto individual, guarda e renova as tradições, crenças e modos de vida de uma comunidade, transmitindo-os e recriando-os ao longo do tempo.

“Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso”. (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Em Itaúnas, essa herança se manifesta na diversidade de expressões que unem influências africanas, indígenas e europeias, visíveis em danças, cantos e celebrações religiosas. Ao

atravessarem gerações, essas vivências preservam lembranças pessoais e compartilhadas, fortalecendo identidades e reafirmando o elo entre passado, presente e futuro.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar e registrar as memórias de mulheres jongueiras, valorizando suas trajetórias, experiências e contribuições para a preservação e a transmissão do Jongo.

“A dança, os tambores e o canto são elementos que se integram na prática cultural do jongo. Os pontos e os versos de improviso são as músicas entoadas durante as rodas, que podem retratar o cotidiano, expressar os desejos de liberdade ou mesmo emitir mensagens cifradas” (ALVES, 2016).

Reconhecido em 2005 como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Jongo ganhou maior visibilidade e ações de preservação. Ainda hoje, permanece vivo em diversas comunidades, celebrado em festivais e encontros culturais que reforçam sua importância para a identidade afro-brasileira.

É importante salientar que segundo Thompson, (2021, p. 18) as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Nesse cenário, torna-se essencial; incentivar a participação das jongueiras mais jovens, aproximando-as das narrativas e modos de vida das mais experientes; estimular a oralidade e a contação de histórias, preservando a transmissão de conhecimentos no âmbito comunitário e valorizar a cultura afro-brasileira, reconhecendo e respeitando suas tradições, costumes, histórias e crenças através de um minidocumentário que será lançado junto a uma exposição preparada para o momento de culminância.

Metodologia

Este presente trabalho apresenta o desenvolvimento e os resultados obtidos do projeto intitulado “Saberes das Jongueiras”, realizado com mulheres na Vila de Itaúnas, em Conceição da Barra, ES, aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura (SECULT).

Na primeira etapa, organizamos e dividimos as tarefas a serem realizadas, e fizemos o levantamento de vinte mulheres para as entrevistas. Após todos os contados feitos, seguimos com as entrevistas e com as buscas por arquivos. No contexto do estudo sobre o Jongo, sobretudo com as jongueiras, fizemos uma pesquisa documental de natureza qualitativa e

participativa. As fontes utilizadas para reunir o material desta pesquisa foram consultas ao acervo público, arquivos particulares, registros documentais e sonoros de outros pesquisadores, canções já publicadas em ambientes digitais, além das entrevistas.

Com o objetivo de documentar as vivências das mulheres no jongo, a pesquisa buscou capturar conversas e relatos por meio de entrevistas com gravações. Segundo Meihy (2020, p. 15) não se trata apenas de um ato ou procedimento único. História oral é a soma articulada, planejadas, de algumas atitudes pensadas como um conjunto. Não é apenas a entrevista ou outra fonte oral que marca a história oral. Além disso, serão criados recursos linguísticos que registrem o vocabulário e a estrutura gramatical, estudando sons e formas das palavras para uma compreensão mais aprofundada da língua.

Discussão e Resultados

Antigamente as pessoas se reuniam nas portas das casas de moradores mais velhos para contar causos. As mulheres aproveitavam o calor da fogueira para dançar uma bela roda de jongo e as crianças ficavam por conta de cantigas de rodas. A fogueira localizada na extremidade oposta aos tambores/tocadores, e, para conformar a roda, as jongueiras de pés descalços completavam os espaços vazios até que a integração tambores/tocadores, jongueiras e fogueira formasse um só elemento, a roda. Episódios assim aconteciam muito na Vila de Itaúnas segundo a moradora Cleusa.

Meu nome é Cleusa Campos da Paixão Mourão, tenho 57 anos e moro na Vila de Itaúnas desde pequena. Na verdade, nasci no Riacho Doce, de parto natural, em casa, acompanhada por uma parteira, como era comum naquele tempo. Lembro-me com carinho de como a vida era simples e cheia de momentos especiais. As noites eram animadas, os vizinhos se reuniam nas portas de casa ou na casa de seu Antero, onde uma pequena fogueira era acesa, causos eram contados, cantigas de roda embalavam as crianças e, para nós, mulheres, a grande alegria era a roda de Jongo. Ah, como era bom aquele tempo! Dançávamos ao redor da fogueira até o dia amanhecer. Os homens quase não participavam da dança, a maioria ficava apenas para tocar o tambor, mas isso já bastava para manter viva a batida do nosso coração coletivo. Minha mãe, mesmo sendo mais recatada e quieta, às vezes se deixava levar pelo som e dançava conosco. Até hoje, se uma roda de Jongo se forma e é aberta, eu danço, porque amo dançar Jongo. Naquele tempo, a roda era livre. Qualquer pessoa que chegasse podia entrar e dançar à vontade. Hoje, com a formação de grupos fixos de Jongo, sinto falta daquela liberdade. Prefiro quando, depois da apresentação, a roda se abre novamente, é aí que danço e canto com a alma, porque, para mim, cantar e dançar Jongo é algo espiritual. Faz bem para a alma. Muitas vezes, enquanto cuido da casa, me pego cantando, e às vezes até chorando, recordando aqueles tempos tão especiais. Na minha caminhada, vivi muita coisa, mas nunca me esqueço de um dia triste em que ouvi: "Você não é negra, o que faz aqui?" Foi doloroso, mas sempre acreditei, e ensinei isso aos meus filhos, que só de sermos brasileiros, já trazemos em nós a mistura e a força de tantos povos, inclusive dos povos pretos. Somos todos iguais, e é assim que devemos viver e ensinar. Hoje, muitas tradições se perderam. Já não nos reunimos mais na porta da igreja para cantar e dançar Jongo como antes. As crianças parecem

não se interessar tanto pela nossa história e pelas nossas manifestações culturais. Mas eu sigo resistindo, cantando, dançando e mantendo viva a memória de um tempo em que a nossa cultura pulsava com força no coração de cada um.

As jongueiras mais velhas passam seus conhecimentos às jongueiras mais novas, ressaltando sempre a importância de manter viva a cultura, passando os conhecimentos e práticas para as novas gerações, garantindo sua continuidade e renovação, pois a participação dos jovens atua como forma de possibilitar a ampliação das articulações e produção de conhecimento a partir das novas gerações de jongueiras como confirma Dona Teresa Bonelá.

Sou Maria Teresa Bonela do Santos e carrego comigo 68 primaveras. Sou mãe de oito filhos e, por mais de 50 anos, caminho lado a lado com meu companheiro de vida, Humberto Falcão Santos. Nasci na Itaúna Velha, onde aprendi a andar, a sonhar e a sorrir, até me casar aos 16 anos na igreja de São Sebastião já na Vila nova, onde os sinos pareciam tocar apenas para mim naquele dia. Foi através de meu pai, homem de mãos firmes, que conheci o Jongo. Ah, meu pai... ele tocava como quem conversava com os deuses! Durante as festas, eram três dias e três noites em que suas mãos nunca cansavam, e o tambor parecia ter vida própria. Desde menina, sentada na beira da roda, eu ouvia aquele chamado e quis aprender com ele. Aprendi, toquei e nunca mais esqueci. Gosto tanto de tocar jongo que toco até numa panela! Confesso que gostava muito mais de tocar do que de dançar. Enquanto o corpo dos outros rodopiavam, era nas batidas do tambor que eu encontrava minha dança. Tocava com tanto gosto que, no dia seguinte, minhas mãos amanheciam inchadas, mas nem por um instante me arrependia. Era dor que falava de amor. Guardo no peito canções que aprendi naquela época, e uma delas, pequenina como um fio de lembrança, ainda ecoa dentro de mim. Meu pai tinha o dom de puxar uma música da outra, e cada verso parecia bordado em minha memória, que até hoje se recusa a esquecê-los. Nas festas de junho, Santo Antônio, São João e São Pedro, a fogueira se acendia alta, e cada vizinho trazia seu presente: batata-doce, aipim, milho verde, tudo assava e se transformava em um banquete de alegria sob o céu estrelado. Minha mãe também cantava, e quando papai tomava um "goró" para esquentar o sangue, a roda rendia até o dia clarear, como se a noite tivesse medo de acabar. Nossa casa ficava onde hoje conhecemos como Tamandaré, tudo aquilo um dia pertenceu ao meu pai. Eu amava tanto tocar que certa vez pedi a um rapaz do forró "Trio Sabiá" que me arranjassem um tambor. Ele até trouxe, mas o danado chegou mesmo foi com uma zabumba! Guardei, claro, mas para o Jongo não serve não. Depois da mudança, o Jongo passou para a porta da igreja, e quem mandava na alegria eram figuras como seu Silvo, dona Dorota, Dona Aninha, Dona Amélia, Amelinha, Maria Antônia e outras mais. Cada uma dançava e sambava com a alma. Já eu, no samba, não era boa não, ia para frente que era uma beleza, mas meus pés não acertavam voltar de jeito nenhum! O tambor, o reco-reco: todos eram extensões do meu corpo, instrumentos de uma memória viva. O Jongo é importante. Foi, é e deve continuar sendo. Sempre digo: enquanto estamos vivos, temos que passar adiante o que sabemos, pois depois, o vento leva e ninguém mais ensina. Tocar ainda hoje me enche de alegria, me faz conversar com o passado, me faz dançar junto com as lembranças do meu pai e me faz sorrir ao ver a mulherada sambando, rodopiando em volta do fogo da nossa história. Cada batida é um abraço no tempo. Cada canção, uma centelha que mantém acesa a fogueira da nossa cultura.

Considerações Finais

Este trabalho, foi desenvolvido na Vila de Itaúnas, em Conceição da Barra - ES, com abordagem qualitativa que permitiu a imersão no universo de significados, crenças, valores e motivos das participantes. A pesquisa possibilitou acessar experiências e interações das mulheres jongueiras, compreendendo como produzem conhecimentos e práticas, e de que forma constroem e interpretam o mundo à sua volta.

Referências

- ALVES, H. C. **“Eu não sou o milho que me soca no pilão”: Jongo e memória pós-colonial na comunidade quilombola Machadinha** - Quissamã. 2016. 316 f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- GUIMARÃES, Aissa Afonso & OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (Org): **Jongos e Caxambu: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo** – 1. Ed. Ampl. – Vitória, ES: UFES, Proex, 2018. 380p.;21cm.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1600/>>. Acesso em: 18 ago.2025.
- JULIO, Wallace Linhares. *Memória, fé e resistência: contribuições das mulheres do jongo de Linharinho para educação quilombola*. 2024. Disponível em: https://educacao.ufes.br/sites/educacao.ufes.br/files/field/anexo/01_versao_final_da_dissertacao_51.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007. Acesso em: 21 jun. 2025.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.